

Educação como processo de formação humana: uma revisão em Filosofia da Educação ante a premência da utilidade, de Vicente Zatti e Marcos Sidnei Pagotto-Euzebio - São Paulo: FEUSP, 2022, 189 p.

Education as a process of human formation: a review in philosophy of education in the face of the urgency of utility, by Vicente Zatti and Marcos Sidnei Pagotto-Euzebio

Jacir Silvio Sanson Junior
Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC Campinas)
jssjunior@gmx.com

Samuel Mendonça
Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC Campinas)
samuelms@gmail.com

Na esteira de um amplo e aprofundado estudo histórico, Vicente Zatti e Marcos Sidnei Pagotto-Euzebio oferecem uma obra crítica e incisiva, que milita por uma demarcação firme a respeito do que nossa sociedade atual pretende, afinal de contas, com seu projeto educacional em vigor. Seu questionamento também se afigura como um posicionamento ético e político, ao declararem que

[...] educação não tem como função primeira, transmitir conteúdos, profissionalizar, capacitar para competir no mercado, mas formar a humanidade no ser humano. Se as escolas e universidades têm uma função educativa, então elas estão implicadas com a formação humana, seu compromisso primeiro não é com o mercado (ZATTI; PAGOTTO-EUZEPIO, 2022, p. 17).

A linha central do *Educação como Processo de Formação Humana* se desdobra da tese do professor Antônio Joaquim Severino que, em seu artigo *A busca do sentido na formação humana*, entende a educação como “processo de formação humana” (ZATTI; PAGOTTO-EUZEPIO, 2022, p. 16), sendo esse, precisamente, o sentido de educação que se destaca na literatura filosófico-pedagógica ocidental. Outra importante referência se encontra no argumento da filósofa estadunidense Martha Nussbaum que, em *Sem fins lucrativos: por que a democracia precisa das humanidades*, defende a ideia de que as humanidades são cruciais para a preservação da democracia e seu pluralismo de liberdades e direitos.

Essa visão enseja questionamentos de grande aptidão interpelativa, pois projeta uma realidade desejável, ao mesmo tempo em que torna explícita as condições que se busca superar, no momento presente. Como reinserir a educação como processo formativo na atualidade neoliberal e utilitarista? Haveria formas de conciliar os interesses estritamente técnicos do mercado em obter mão-de-obra para postos de trabalho, com a orientação preponderantemente humanista da cultura que gestou para a tradição ocidental a existência de um consolidado processo formativo? Sem esse componente fundante, é possível falar a rigor em “educação”?

Recebido em 12 de fevereiro de 2025. Aceito em 6 de outubro de 2025.

O trabalho de Zatti e Pagotto-Euzebio não se deixa conduzir por uma recapitulação historiográfica apenas, e soma esforços abertamente direcionados em favor de uma resposta humanística contundente. Os autores já haviam publicado um artigo na Revista *Ixtli* (ZATTI; PAGOTTO-EUZEPIO, 2021) com essa preocupação, porém concentrando-se nos termos *paideia*, *humanitas* e *Bildung*, que dão título aos três primeiros capítulos, respectivamente.

O Capítulo 1 esmiúça a gênese da *paideia* enquanto uma ideia originalmente aventada pelos gregos, forjada ao longo de uma história por meio dos trabalhos de Homero, Sófocles, Pitágoras, Sócrates, os sofistas, Platão, Aristóteles e Isócrates. Baseados na tese de Werner Jaeger (*Paideia: a formação do homem grego*), Zatti e Pagotto-Euzebio recapitulam o trabalho filosófico sobre a *areté* (excelência, virtude), elemento que possibilita compreender que “[...] a educação mais do que aprender um saber pronto é um exercício de inteligência”, ou seja, um “cuidar da alma [*psyché*]” (ZATTI; PAGOTTO-EUZEPIO, 2022, p. 34). Os autores chamam a atenção para a figura de Isócrates, afirmando que enquanto “Platão funda sua filosofia e sua educação na noção de Verdade (*episteme*) em oposição à *dóxa* (opinião, aparência)” (ZATTI; PAGOTTO-EUZEPIO, 2022, p. 50), aquele prioriza a “[...] excelência da palavra, o *logos*, que é aquilo que distingue os homens dos animais e permite o desenvolvimento da civilização e da cultura” (ZATTI; PAGOTTO-EUZEPIO, 2022, p. 50).

No Capítulo 2, Zatti e Pagotto-Euzebio delineiam duas acepções da *humanitas* latina, especificando a *humanitas* cristã articulada pelo pensamento de Agostinho (*Confissões*) e Boécio (*Consolação da Filosofia*), e a talhada por pensadores como Cícero, Virgílio, Horácio, Tito Lívio e outros. Trata-se de duas fases distintas da *humanitas*, que os pesquisadores situam, primeiro, na síntese ciceroniana do século I a.C., seguida da ascensão do pensamento cristão nos séculos IV-V d.C. A respeito de Marco Túlio Cícero, os autores sublinham na obra *De Oratore* o esforço do cônsul romano em fazer uma releitura da *paideia* grega, esculpindo na imagem do orador ideal dois aspectos principais: a “[...] união entre a arte do discurso e o saber, entre a retórica e a filosofia” (ZATTI; PAGOTTO-EUZEPIO, 2022, p. 68). Trabalhando a eloquência como produto da união entre pensamento e palavra, Cícero sinalizava para o profundo senso prático do espírito romano, precavendo para que o cultivo da retórica não se precipitasse em especulações inócuas e excessivas, mas fosse capaz de se articular com as artes liberais e assim amarrar “[...] pensamento e ação, particularmente não dissociando a sabedoria da vida política e ética” (ZATTI; PAGOTTO-EUZEPIO, 2022, p. 69). Mesmo que sejam notáveis suas diferenças, críticas e oposições ao acervo filosófico pagão, pode-se falar apropriadamente de uma *humanitas* cristã, pois nela se preserva fundamentalmente a ideia de um processo formativo que, neste caso, configura-se como uma espécie de “caminhada para Deus” (ZATTI; PAGOTTO-EUZEPIO, 2022, p. 76): “A realização do ideal de perfeição humana, processo pelo qual o homem se tornava mais perfectivamente homem, é entendido como uma peregrinação em busca da santificação e tem em Cristo o ideal guiante da jornada” (ZATTI; PAGOTTO-EUZEPIO, 2022, p. 75).

A *Bildung* abastece as reflexões do Capítulo 3 que se volta à caracterização da educação moderna. Composto no alemão por *Bild* (contorno, imagem, forma) e *ung* (processo, modelagem), o termo é de difícil tradução para a língua portuguesa, contudo forma um conceito polissêmico que compartilha com a *Paideia* “[...] a significação de formação como ‘modelagem’ de acordo com uma imagem universal para a realização das potencialidades humanas” (ZATTI; PAGOTTO-EUZEPIO, 2022, p. 86). A *Bildung* recebe diferentes acentos, permitindo tratar o projeto

emancipatório iluminista – tal como Vicente Zatti (2012; 2015) se refere em outros de seus artigos de reflexão – nos termos de sua construção com base em Rousseau e Kant, de sua crise ante a desconstrução da metafísica, empreendida sob as suspeitas de Nietzsche e Heidegger, e de sua reconstrução crítica articulada por Adorno e Horkheimer (da Escola de Frankfurt). Na presente obra, os pesquisadores se concentram na “[...] ideia de formação [...] relacionada a elementos éticos e estéticos [...]” (ZATTI; PAGOTTO-EUZEPIO, 2022, p. 89), respectivamente enfatizados por Kant e Nietzsche, cada qual constituindo um momento do Iluminismo ligado à formação humanista. De todo modo, a *Bildung* constitui uma garantia de que, em pleno contexto moderno e em meio às realizações da cientificidade técnica e do progresso industrial, ainda se preserve uma referência de “[...] formação do homem enquanto homem em sua integralidade, formação do ser humano como um fim em si mesmo e não o adestramento ou capacitação em função de fins exteriores” (ZATTI; PAGOTTO-EUZEPIO, 2022, p. 85), sejam eles técnicos ou utilitários.

O Capítulo 5, neste mesmo eixo, reconstitui a noção de “*logos* comunicativo” (ZATTI; PAGOTTO-EUZEPIO, 2022, p. 145), de Habermas, no panorama de uma síntese pós-metafísica que ressalta não uma suposta e definitiva dissolução da metafísica, mas o revigoramento de uma formação educativa e cultural jamais reduzível para fins de capacitação e instrução. “A reconstrução habermasiana da racionalidade resgata o potencial de esclarecimento, bem como, a validade de referências éticas e políticas possibilitadoras da construção de um mundo livre, tolerante e democrático” (ZATTI; PAGOTTO-EUZEPIO, 2022, p. 20). De acordo com os autores, essa reconstrução “[...] reacende a possibilidade da retomada, em outro patamar, do ideal de educação como processo de formação humana [...]” (ZATTI; PAGOTTO-EUZEPIO, 2022, p. 20).

Marx também recebeu dos pesquisadores um capítulo exclusivo, o Capítulo 4, por conta de seu conceito de formação “omnilateral” expresso principalmente nos *Manuscritos Econômico-Filosóficos*. De acordo com os autores, Marx percebe um alinhamento entre a divisão dos meios de produção e uma dualidade que não só estrutura a escola do capitalismo, como aparta os trabalhadores “[...] da cultura geral e dos conhecimentos com caráter desinteressado [...]” (ZATTI; PAGOTTO-EUZEPIO, 2022, p. 136). O capitalista atua no interesse de prolongar o tempo e o rendimento do trabalho, em vista dos lucros potenciais oriundos do aumento da produção operária. Isso ocorre devido à divisão social do trabalho, na qual o capitalista desfruta do tempo livre que expropria do operário, impondo-lhe o “[...] trabalho excedente como mais-valor [...]” (ZATTI; PAGOTTO-EUZEPIO, 2022, p. 134). É essa dualidade que produz e reproduz a unilateralidade, de modo que, ao invés de se constituir uma formação que busca o desenvolvimento do ser humano em suas múltiplas dimensões – inclusive com tempo livre para dedicar-se a suas potencialidades ligadas ao intelecto (ensino), ao físico (ginástica) e também à instrução tecnológica –, forja-se no capitalismo apenas o “operário unilateral da ordem capitalista” (ZATTI; PAGOTTO-EUZEPIO, 2022, p. 122-123). A omnilateralidade, portanto relaciona o conceito de uma pedagogia marxista à tradição humanista que se expressa com a superação da divisão social engendrada pelo capitalismo fabril e seus processos de criação e acumulação do capital, vigente à época da publicação de *O Capital*, bem como na contemporaneidade em que se visualiza uma “[...] educação cada vez mais subjugada à lógica do capital, [e] cada vez mais a escola é sujeita à razão econômica” (ZATTI; PAGOTTO-EUZEPIO, 2022, p. 137).

Para além de um item formal da “conclusão”, o leitor se depara com um sexto capítulo inti-

tulado “*Skholé* e a Formação Humana”. Esse expediente, que não deixa de ser ousado ao estilo editorial mais convencional, é bastante significativo, pois

A skholé grega inaugura o escolar como lugar de formação humana, pois possibilita um espaço-tempo igualitário de liberdade, no qual as atividades educativas podem se realizar como fazeres desinteressados que não possuem outros fins além de si mesmos. A liberação do jugo dos ditames das necessidades imediatas abre a possibilidade de uma experiência formativa livre (ZATTI; PAGOTTO-EUZEBIO, 2022, p. 163).

A designação evoca, num só lance, a origem clássica grega e a tradição cultural que forjou uma educação para a formação humanista, bem como o engajamento na defesa e construção de espaços concretos onde cultivar esses processos. É nos termos de um espaço-tempo escolar que o projeto de uma formação humana integral se efetiva, graças a esta “[...] invenção possibilitadora da democratização do tempo livre [...]” (ZATTI; PAGOTTO-EUZEBIO, 2022, p. 163). Assim os autores não apenas encaminham seu argumento para um terreno concreto, como revisitam um debate fundamental, instigando o leitor a refletir a respeito da função e finalidade da escola. Trata-se de manter pujante a temática que Amaral (2018) destacava ao relatar a surpresa de Rancière em saber que seu artigo *École, production, égalité* seria traduzido no Brasil trinta anos após a publicação de 1988:

[...] a escola, assim como a universidade e toda instituição que se propõe educar, deve se desvincular completamente das noções de produção, de eficiência, de hierarquia, que são próprias ao mundo empresarial. Somente assim poderemos formar seres humanos que não sejam considerados como peças dentro de uma máquina produtiva que não pertence à sociedade democrática e que possam, pelo seu pensamento e pelas suas contribuições à sociedade civil, transformar as relações no interior dos grupos e das instituições em prol de mais igualdade, justiça, solidariedade e liberdade para as gerações futuras (AMARAL, 2018, p. 670).

Zatti e Pagotto-Euzebio põem-se então a repercutir, no capítulo de encerramento, o problema quanto à escola estar ou não realmente livre “[...] das premências da vida econômica e das hierarquizações sociais [...]” (ZATTI; PAGOTTO-EUZEBIO, 2022, p. 164), dos ditames da profissionalização e do mercado, e se as circunstâncias de seu cotidiano realmente fazem dela um lugar oportuno em que se assegura um protegido “[...] tempo de formação enquanto cultivo desinteressado do espírito” (ZATTI; PAGOTTO-EUZEBIO, 2022, p. 164).

É claro que tal perspectiva incita uma discussão que atinge o âmago da legislação educacional. Se observarmos a Constituição Federal, ela estabelece que a educação deve visar “[...] ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho” (BRASIL, art. 205) e, organizada por um plano nacional, conduzir à “formação para o trabalho” (BRASIL, art. 214, IV) e à “promoção humanística” (BRASIL, art. 214, V). Será que o trato síncrono dessas dimensões manifesta uma legislação educacional que hesita em dar contundente primazia à formação humana?

Zatti e Pagotto-Euzebio (2022) levantam uma bandeira em cujo mastro tantos outros também deixaram suas digitais. Ao discutir as relações e atritos entre a escola tradicional e os meios de comunicação emergentes na década de 1970 – aos quais designava “escola paralela” –, Porcher (1976) traçava duas opções de encaminhamento: “Definir os objetivos educativos em função das necessidades globais da sociedade incluindo, obviamente, o ponto de vista estritamente econômico” (PORCHER, 1976, p. 112, tradução nossa), ou definir “[...] a educação como um fim em si mesma” (PORCHER, 1976, p. 112, tradução nossa).

O prof. Serafim de Oliveira, que nas décadas de 80 e 90 se dedicou à documentação, estudo e difusão do pensamento de Paulo Freire (GADOTTI, 1996; PADILHA, 1996), posicionava sua reflexão educacional para o mesmo ponto de convergência, afirmando que “[...] quase todas as

teorias educacionais contemporâneas se acham centradas no treinamento e na formação do homem adjetivo, relegando a planos inferiores a formação do homem substantivo” (OLIVEIRA, 2005, p. 90). Referenciando-se com Ortega y Gasset e Jacques Maritain, postulava:

A reflexão filosófica sobre a prática educacional visa, primordialmente, à formação do homem. No entanto, os recentes estudos sobre o homem tendem frequentemente a enfatizar mais o seu aspecto adjetivo em detrimento do aspecto substantivo, o que torna inviável uma análise global do ser humano. Esse fato, lamentável em outras áreas de conhecimento, é extremamente catastrófico para a filosofia da educação, uma vez que, dentro desse quadro de reflexão, o indivíduo pode ser treinado para tornar-se um excelente especialista sem receber, todavia, formação alguma para torná-lo pessoa. [...] (OLIVEIRA, 2005, p. 89).

Numa semelhante perspectiva, associaríamos a obra de Mário Vieira de Mello (1986) que, em *O Conceito de uma Educação da Cultura*, conclamava para uma educação humanística rigorosa e irreduzível: “na *Paidéia* a Educação é tomada como um fim em si mesma, não como uma atividade tendo em vista um objetivo exterior a si própria” (MELLO, 1986, p. 32). Eis a chamada “concepção morfológica” que prima pela circularidade entre uma Educação que engendra Cultura e vice-versa, uma Educação que não lhe é indistinta, capaz de encontrar “em si mesma sua própria razão de ser”: a “Educação interiorizada como forma e não exterioridade como função”. Assim o diplomata, que também foi representante brasileiro na UNESCO, colocava-se em franca oposição às concepções pedagógicas funcionais norte-americanas (“concepção funcional”), onde a Educação não seria eminentemente formativa nem estaria vinculada ao que há de mais íntimo em si mesma, sempre voltada para alguma outra coisa, sempre exteriorizada em alguma outra tarefa, sempre projetada como meio de um fim não educacional.

Esses breves exemplos acenam para possíveis cursos e palestras que, ao impulso deste e demais trabalhos de Zatti e Pagotto-Euzebio, deveriam ser ofertados ao público. Além do mais, a redação exibe uma habilidosa capacidade de síntese, com retomadas que instigam para sua pronta leitura. Por mais que seus capítulos sejam anunciados com termos estrangeiros, não estamos lidando com um texto inacessível, nem cuja erudição iniba apreender o objeto de sua análise.

É especialmente relevante sublinhar o fato de se tratar de uma obra em coautoria, resultado de uma cooperação em que se destacam as circunstâncias favoráveis de um ambiente de estágio pós-doutoral, conforme os pesquisadores assinalam em uma nota de agradecimento. Evidencia-se o esforço de tornar convergente um plano de trabalho oriundo de diferentes trajetórias acadêmicas, que se faz tangível em cada capítulo. Caso em que Vicente Zatti faz ressoar algumas de suas reflexões publicadas em periódicos, nas quais problematiza a modernidade técnico-científica e a autonomia da racionalidade crítica e dialógica, o desenvolvimento tecnológico e o desenvolvimento humano, por meio de filósofos como Kant, Nietzsche, Heidegger, Habermas e outros. Caso em que Marcos Sidnei Pagotto-Euzebio desenvolve uma parcela de seu currículo em estudos clássicos e filosofia antiga, indicando nessa linha um de seus trabalhos mais relevantes, *Introdução à Filosofia da Educação: Uma Tradição Literária* (EDUSP), este escrito em parceria com o também professor da Faculdade de Educação da USP, Rogério de Almeida.

A obra é disponibilizada gratuitamente como E-book no formato pdf (1312 Kb), no Portal de Livros Abertos da USP (<https://www.livrosabertos.sibi.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/book/767>), tendo alcançado mais de 5.600 downloads entre maio de 2023 e janeiro de 2025, numa média mensal de 245 acessos. A 2ª edição foi lançada em 2023 pela Editora CRV, de Curitiba, e está disponível também em formato impresso.

Referências

- AMARAL, A. G. Q. R. do. 2018. Jacques Rancière: escola, produção, igualdade. *Pro-Posições*, Campinas, v. 29, n. 3, p. 669-686, set./dez. Disponibilidade: <https://doi.org/10.1590/1980-6248-2018-0121>. Acesso: 16 set. 2024.
- BRASIL. 2022. *Constituição (1988)*: Constituição da República Federativa do Brasil (texto constitucional promulgado em 5 de outubro de 1988, compilado até a Emenda Constitucional nº 116/2022). Brasília: Senado Federal.
- GADOTTI, M. 1996. Apresentação. In: GADOTTI, M. (org.). *Paulo Freire: uma biobibliografia*. São Paulo: Cortez, p. 19-24. Disponibilidade: <https://acervoapi.paulofreire.org/server/api/core/bitstreams/010c2d36-b5ef-446b-8234-c4b4b806d0e5/content>. Acesso: 4 mar. 2024.
- MELLO, M. V. de. 1986. *O conceito de uma educação da cultura: com referência ao estetismo e à criação de um espírito ético no Brasil*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- OLIVEIRA, A. S. de. 2005. Filosofia e Educação. In: OLIVEIRA, A. S. de et al. *Introdução ao pensamento filosófico*. 8. ed. São Paulo: Loyola, p. 89-118.
- PADILHA, P. R. 1996. Organizando uma bibliografia de Paulo Freire. In: GADOTTI, M. (org.). *Paulo Freire: uma biobibliografia*. São Paulo: Cortez, p. 660-661. Disponibilidade: <https://acervoapi.paulofreire.org/server/api/core/bitstreams/010c2d36-b5ef-446b-8234-c4b4b806d0e5/content>. Acesso: 4 mar. 2024.
- PORCHER, L. 1976. *La Escuela Paralela*. Buenos Aires: Editorial Kapelusz.
- ZATTI, V. 2012. O Projeto educacional emancipatório moderno e a crise do esclarecimento. *Vértices*, Campos dos Goytacazes, v.14, n. 2, p. 93-116, maio/ago. Disponibilidade: <https://editoraessentia.iff.edu.br/index.php/vertices/article/view/1809-2667.20120034/1487>. Acesso: 8 ago. 2023.
- ZATTI, V. 2015. Projeto emancipatório moderno: construção, desconstrução e reconstrução. *Pensando – Revista de Filosofia*, Fortaleza, v. 6, n. 11, p. 341-383. Disponibilidade: <https://revistas.ufpi.br/index.php/pensando/article/view/3245>. Acesso: 10 nov. 2023.
- ZATTI, V.; PAGOTTO-EUZEPIO, M. S. 2021. Educação como processo de formação humana e suas raízes não utilitárias: paideia, humanitas e Bildung. *Ixtli – Revista Latinoamericana de Filosofía de la Educación*, [S.l.], v. 8, n. 16, p. 193-215, Disponibilidade: <https://ixtli.org/revista/index.php/ixtli/article/view/157>. Acesso: 13 out. 2023.